



DIRECTOR INTERINO: AMADEU MORAIS

EDITORIAL

ESPINHO E A C. P.
ASSIM, NÃO!

O inicial traçado das linhas do Caminho de Ferro da C.P. e, depois, da extinta Companhia do Vale do Vouga, contribuíram decisivamente para o grande impulso que projectou Espinho na senda do desenvolvimento, durante os primeiros anos da sua formação como aglomerado populacional. Esta, uma verdade que ninguém contraria, mas que, também, nos seus efeitos, beneficiou largamente a C.P., que desse desenvolvimento tem vindo a colher as largas vantagens que anteviu e a que tem pleníssimo direito.

Apenas, enquanto Espinho, na altura da instalação das linhas e durante os anos que se lhe seguiram, era uma povoação essencialmente implantada a poente das vias, decorridas que foram algumas décadas — poucas — começou a sentir-se que os comboios lhe passavam por cima e que o corte operado implicava sofrimentos permanentes, traduzidos em incómodos, perdas de tempo e de vidas, poluição, ruídos insuportáveis, riscos e outros inconvenientes diariamente martelados aos olhos e aos ouvidos de toda a gente.

Por isso, cedo começou a pensar-se em solução que pusesse termo a tal estado de coisas.

Passaram-se dezenas de anos, com os responsáveis e toda a gente a expor, a protestar, a exigir e a suplicar.

E a C.P., impávida e serena, ouvia, recebia os elementos, recolhia notícias, protestos e pedidos, estudava (?) e... silenciava.

Recordamo-nos de ter ouvido, há mais de vinte anos, a pessoa então responsável pelos destinos da terra, — e a propósito da mudança da linha, que segundo ela, estaria orçada em mais de cento e vinte mil contos — que, segundo certa entidade de alto nível, o problema não tinha solução, por se encontrarem nele envolvidos titulares de interesses opostos: um, o Estado, com dinheiro, mas sem interesse; outro, Espinho, com interesse, mas sem dinheiro, e outro, a C.P., sem dinheiro e sem interesse.

Esta afirmação, que não sabemos se efectivamente foi proferida pela individualidade a quem se atribuiu, traduz, em linguagem precisa, os termos do problema Espinho-C.P., que nos aflige.

Durante muitos anos, sustentaram as entidades responsáveis pela gestão dos interesses de Espinho a necessidade da mudança das linhas do Caminho de Ferro para os terrenos que a C.P. possui, junto à Rua 24.

A pretensão esteve longe de ser pacífica e as divergências foram-se avlumando com o andar dos anos, uma vez que a variante que a C.P. inicialmente possuía a nascente da Vila passou a situar-se, a partir dos anos quarenta, no centro dela.

Enquanto oficialmente se sustentava a mudança para esses terrenos, com passagem em túnel ou em vala aberta,

Continua na página 3

NOSSO MAR

Uma história antiga

Raro é o dia em que não me encontro num passeio à beira-mar, quer esteja bom ou mau tempo, olhando um velho amigo e respirando o seu ar forte, tantas vezes agreste como que a pôr à prova a amizade que nos liga.

Perco-me em imensas paragens, entrando num diálogo íntimo em que procuro descobrir, entrar nos seus segredos, nos seus méritos, que guarda avaramente como que receoso de perder todo o seu encanto, no momento em que ficasse todo à mostra, desnudado, explicado, sem neblinas de inquietação, sem arrogâncias de furibunda força a causticar uma terra que ele tanto ama e que tanto acaricia em momentos inolvidáveis de doçura e serenidade. As vezes chego a cuidar que pensa como gente, sujeito a alterações de humor, como todos nós, com as suas crises de irracionalidade, chegando num descontrolo maior a ameaças terríveis que no seu caso vão avante e nos fazem sofrer. E o que nós temos feito para fazer frente às fúrias deste «cão» que tanto nos dá e tanto nos tem roubado!

Desde miúdo em que assisti à destruição de tantas casas, tenho também sido testemunha das paliçadas e do crescer dos esporões, remédio certo para fazer frente às enormes e façanhudas ondas, no bem dizer dos entendidos e dos técnicos. E durante anos, neste ajustar de contas entre o mar e a terra, vimos sempre a praia a diminuir e o mar cada vez mais arrogante e mais perto de nós. Mas na verdade os esporões pareciam ter a sua força. Não passou muito tempo, e de novo ataque, nasceram as obras de defesa frontal, com alicerces nas rochas, tendo-se experimentado três tipos, à procura que o tempo e a «manha» do nosso amigo determinassem a melhor solução. As muralhas da defesa frontal provaram a sua resistência e criaram o despique com os esporões. Sim senhor, o mar não fazia mais estragos mas era necessário reconquistar a areia da praia, o que só poderia ser conseguido com os esporões prolongados. Só os esporões eram a garantia e todos nós nos agarramos aos esporões,

Continua na página 3

Fim de semana . 1

Regressado ao lar-Espinho, intermediados que foram mais de vinte anos, eu, que de-Espinho-não-endo por de-Espinho-me-tenho, não resisto ao confronto entre o Espinho-que-deixei (e desde menino vira evoluir até esse estádio) e o Espinho-que-reencontro.

Com íntima satisfação encontro Espinho a mesma que sempre conheci e de que sou; com não menor júbilo e orgulho de quase-filho a encontro diferente (que não diversa) e muito maior.

Por um lado, em vez da vila morna e mediana de antigamente — que só o deixava de ser na época de veraneio — encontro uma quase cidade; em vez da vila para quem a época do veraneio era vital, para quem mais tarde o era a posição de «dormitório do Porto», dou com uma terra que se basta a si mesma, com vida própria, que tem para dar e não apenas para receber, para quem a época balnear já não é a época da vida, indispensável à sua subsistência económica.

A Espinho de hoje já não se limita a arrecadar o que lhe deixavam os que vinham a banhos. O Povo sempre de olhos postos na expectativa do dealbar do verão a ver se os favores ou desfa-

vores do tempo prenunciariam boa ou má época.

Hoje não é mais a simples praia de banhos; a pouco e pouco foi tomando vida própria; e agora tem cada vez mais que oferecer a quem a busca para recreio de férias, por forma a que, agradecendo embora a quem a procure, sente que quem aqui se recreie também parte agradecido pelo muito que lhe foi facultado.

Não pode dispensar a promoção turística, — como nenhuma localidade com condições para tal se não pode dar a tal luxo; só que essa promoção deixou de ser para ela caso de vida ou de morte, mas meio de cada vez maior desenvolvimento e contribuição para a sua autonomia e engrandecimento económico.

Esta é a sensação que nos vem materializada no desenvolvimento do seu comércio, da sua indústria, da sua urbanização.

Esta é uma verdade que se reconheceu ao elevá-la a comarca o que virá a ser tema de próximo «fim de semana»!

Mas escrevi, paradoxalmente, que en-

Continua na página 2

NESTE
NÚMERO: INQUÉRITO

QUAIS AS QUESTÕES PRINCIPAIS PARA
PROGRESSO E DESENVOLVIMENTO DE
ESPINHO?
DE TODAS QUAL CONSIDERA MAIS
IMPORTANTE E URGENTE?

PORTA ABERTA

De uma leitora que assina como Rosa Maria, recebemos uma carta de onde extraímos os seguintes passos:

«Já que resolveram abrir a porta do jornal para que os leitores possam exprimir os seus reparos ou ofertar as suas sugestões, aproveito-me da hospitaleira atitude para entrar nas vossas colunas, de pés limpos e alma idem. A DEFESA quer-se um órgão independente (segundo afirmam), mas, pelo que verifiquemos, será uma folha de (e para) homens. Porque não criam uma coluna da Mulher? As mulheres, que são acusadas de tanto falar, não serão também capazes de escrever sobre os seus problemas e o seu «modo de estar» em Espinho, e não poderão fazê-lo? Por que razão no vosso primeiro inquérito não houve lugar para ouvir nenhuma senhora?

Sem acinte vos deixo estas 3-perguntas-3, na esperança de em breve lhes ler as respostas.

Desculpem-se que não assinem com o meu verdadeiro nome mas... isto de ser mulher (e

em Espinho) ainda é um pouco difícil em certas circunstâncias...»

COMENTÁRIO — A espontaneidade na confissão do anonimato e a correcção das palavras desta leitora, fizeram-nos abrir uma excepção para a regra de ignorarmos tudo quanto nos venha de autor não identificado. As observações da leitora estão certas e confirmam que estávamos no bom caminho ao idearmos a criação de uma «Secção da Mulher», o que ainda não aconteceu porque só vamos no segundo número da nossa responsabilidade e Roma e Pavia... Lá chegaremos e o nosso inquérito de hoje comprova a nossa determinação.

Chegou-nos às mãos uma tabela de preços do nosso jornal em que um nosso assinante de Lourenço Marques, depois de fazer comparações entre a assinatura continental, o custo dos selos e o preço da assinatura para as Províncias UL-

tramarinas (por via aérea), conclui por apurar uma diferença de 95\$00 que considera «a mais só para o custo nos selos». E, a propósito, tece as seguintes considerações:

«Grande parte daqueles que no Ultramar podiam ser assinantes não o são por considerarem uma ofensa ser a Defesa de Espinho um negócio de «cuspo nos selos». A Defesa devia passar para os assinantes do Ultramar a 150\$00. E, como há dificuldades em transferência, o que motiva devedores pela assinatura, a Defesa devia aceitar o pagamento em notas ultramarinas mesmo que depois tivessem que as vender com 20 % mais baixo aos cambistas. Assim a Defesa não perde tudo e deixa de haver devedores que o são por dificuldades de transferência, situação de devedores que os leva a desinteressarem-se pela Defesa, ou seja pelas coisas de Espinho que é o mesmo que esquecerem-se da terra.

(Continua na pág. 8)

DEFESA DE ESPINHO

SEMANÁRIO

FUNDADOR

BENJAMIM COSTA DIAS

ADMINISTRADOR

ANTÓNIO GAIO

REDACÇÃO

CARLOS PINHEIRO MORAIS
CARLOS SÁRRIA
ARMENIO GOMES

PROPRIEDADE

EMPES — EMPRESA
DE PUBLICIDADE
DE ESPINHO, LDA.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

TIPOGRAFIA SEQUEIRA
RUA JOSÉ FALCÃO, 122
PORTO

COLABORARAM NESTE NÚMERO:

ALBERTO BARBOSA (BEKA)
EDUARDO MENDES
JOÃO QUINTA
MARÇAL DUARTE
MORAIS GAIO
NUNO BARBOSA
ROLANDO DE SOUSA
VASCO LUÍS MARQUES

Prismática

Um homem e o seu drama

O homem tem quarenta e seis anos e é espinhense. Adoeceu em devido tempo e o mal dava-se pelo nome de esquizofrenia. Opinam os médicos que tratável e controlável.

O homem teve empregos. Cumpriu e era competente. Do último queixa-se com amargura, pois despediram-no. Um «porquê» nebuloso. Permaneceu lá seis anos, mas terá sido espoliado nos seus direitos e regalias. Conta que apenas nos derradeiros dois últimos o legalizaram ante a lei vigente.

As vicissitudes da vida, os problemas materiais, a falta de emprego, a sensação de inutilidade, o moral ferido, o abandono do tratamento requerido pela doença... E sobreveio uma crise grave. Ei-lo a cometer disparates, ei-lo a fazer cenas deploráveis, mesmo na via pública. De que não era responsável. A doença sim.

Largos meses por aí vogou lastimavelmente doente. Então um familiar obtém-lhe o internamento hospitalar, onde se cuida das enfermidades como a sua. Lá, entretanto, recuperam-no e consideram-no apto para o regresso à normalidade da vida, amparado a um tratamento periódico.

Mas e ocupação?

Batem-se às portas. Abordam-se entidades oficiais e organismos. Depara-se com imensa boa vontade. Imensa, porém, o tempo decorre e os meses sucedem-se. Eis um homem sem ocupação, sem meios de subsistência. A viver na pendência de família.

Sente-se tremendamente

inútil e posto à margem da sociedade. Ele, com quarenta e seis anos, com a profissão de motorista e curado clinicamente. Pretendendo trabalhar. Não desejando esmolar. Nem querendo constituir encargo para os entes que o amparam, com sacrifício, apenas, pela obrigação moral.

Denodadamente calcorreia as entidades privadas, todavia recebe evasivas, negativas. Chega a estar admitido numa grande empresa. O médico de lá dá-lo por apto, porém surgem subterfúgios e não obtém a admissão.

E o homem de quarenta e seis anos, com profissão, capaz até noutros sectores, curado da sua enfermidade, luta com desespero, depauperava-se no físico e na moral, na ânsia incontida de encontrar um meio para sobreviver. Ele que não pretende esmolas, tão só trabalho para angariar o seu preciso!

Esmola, sim, uma oportunidade, no entanto a sua sociedade furta-lha. E negando-a, está a aniquilá-lo, transformando um ser ainda válido, que podia ofertar horas de trabalho produtivo, num enfermo. Um enfermo possível de se tornar perigoso, pelas incidências da doença. Que exigirá a curto prazo novo internamento até, sendo, então sim, uma unidade-humana nada rentável!

Um homem e um drama! O seu drama, um dos muitos dramas que constituem chagas sociais dos nossos dias. Feridas horríveis que urge curar. Inconcebíveis num mundo evoluído de hoje. Evo-

luído, mas tristemente desequilibrado.

Um homem e um drama! O seu drama pungente, para cuja solução só se encontram boas vontades. Que, para além de moralmente confortantes, envoltas em indas palavras, iludem e nada resolvem!

Alguém, não a família, nem a caridade pública, terá a obrigação de suprimir casos deste jaez. E, mesmo antes, de olhar por e para eles. Não é crível, nesta era, neste mundo, onde tantíssimo se desperdiça superfluamente, que a solução soe como impossível.

Contudo, lamentavelmente e incompreensivelmente, vem-o sendo e, num antagonismo atroz, chocante, que fere a inteligência, a sensibilidade, vemos o homem, o doente, ser tratado, recuperado, porém em seguida contribuirem, indirecta e friamente, de forma incisiva, para o aniquilarem.

Um homem e o seu drama! Sucede nos nossos dias, pela força da inflação contínua e inestancável dos valores materiais, sufocando os valores morais, sociais e humanos. Sucede e não devia acontecer. Quão triste, pouco dignificante, incompreensível, doloroso, contudo tremendamente verdadeiro e... insoluçionável?

Um homem e o seu drama! Quem assume, por direito inequívoco, a responsabilidade de resolver este caso, como o impõem os sagrados princípios humanos, morais e sociais?

«Quo vadis» mundo?

CARLOS SÁRRIA

Fim de Semana

(Continuação da pág. 1)

contrei Espinho a mesma e com tal me congratulei.

É que Espinho tem qualquer coisa de seu, de íntimo, como se fora espírito ou alma próprios, pessoal, que a distingue das outras terras, que nos cativa e prende para sempre num desejo real de permanecer, ou, em impossível permanência, numa saudade e anseio de poder voltar.

Ora este encanto próprio, único, inconfundível, que a distingue das demais localidades, não se perdeu devorado pelo seu engrandecimento económico, resistiu à frieza da mole dos valores materiais e à frieza indiferente do tecnicismo, sobrepondo-se a eles e mantendo-se vivo.

Não é localidade que se confunda com as outras, que a acompanham ou sobrepujam em desenvolvimento económico — expressão aritmética de somatórios de casas mais casas, ruas mais ruas, levando a um resultado de igualdade.

Espinho continua a ter essa qualquer coisa indefinível que é apenas seu, que não sei definir, mas sinto, cuja origem não sei explicar, mas que é, e tanto mais próprio, mais ciosamente seu que não lhe vem de favores da natureza — que antes a desfavorece — nem de monumentalidade ou tradição histórica, enfim de factores reais estranhos a si própria.

Que Espinho continue a progredir; que se desenvolva mais e mais; mas que não se torne a cidade (que vai merecendo ser) ou a vila simples de expressão e números estatísticos friamente igual às outras.

Que não perca esse qualquer coisa indefinível de seu que a distingue das demais.

Porque, se assim não fosse, então deixaria de ser Espinho; e isso magoaria muito os que, como eu, a vivem e sentem.

VASCO LUÍS

CINEMA

UM VIOLINO NO TELHADO

(FIDDLER ON THE ROOF)

FICHA TÉCNICA:

Realização: Norman Jewison, 1971 (E. U. A.)
 Intérpretes: Topol, Norma Crane, Leonard Frey, etc.
 Música: Jerry Bock.
 Coreografia: Jerome Robbins.
 Adaptação cinematográfica duma peça musical teatral, baseada por sua vez, no romance «Tewje o Leiteiro», de Scholem Alejchem.

— X —

Ao analisar-se um filme, poderemos vê-lo segundo dois prismas fundamentais:

— ponto de vista formal ou técnico;
 — ponto de vista ideológico, ou qual a mensagem que se pretende transmitir ao público?

Ora em relação ao filme que passou em Espinho, obtendo grande sucesso comercial (tal como noutras localidades mais populosas), poderemos começar por dizer que tecnicamente é de uma qualidade elevada, com um colorido suave, de acordo com a sua toada poética, com canções de grande qualidade, nomeadamente «Tradition» e «If I were a rich man» (ambas na primeira parte), e que por isso nesse aspecto, um leigo como eu pouco lhe poderá apontar.

A história roda à volta dum leiteiro (Topol) com cinco filhas, algumas em idade para casar, habitante de Anatevka, uma aldeia da Rússia (na Ucrânia), vivendo os problemas e as contradições duma época czarista, onde os movimentos populares começavam a sentir-se. Anatevka era uma comunidade de judeus, arreigados às suas longas tradições onde os pobres eram felizes e resignados com a sorte que Deus lhes deu.

Por conseguinte, o filme parece querer dar-nos a ideia da existência da felicidade num local onde dificilmente ela poderia existir. Por outro lado aparece-nos a personagem dum jovem estudante da universidade de Kiev, que vem contradizer a tal ideia de resignação tentando quebrar as tradições existentes na localidade. Este indivíduo consegue pôr em alvoroço toda a população ao ir buscar uma rapariga para dançar, coisa nunca feita até aí.

As jovens pouco a pouco foram-se libertando da grilheta que a tradição lhes impunha, casando-se com quem

queriam e não através duma casamenteira e dum contrato entre o pai e o noivo.

Notemos aqui, por um lado, uma falsa felicidade, mas por outro o ponto positivo do quebrar de tradições inexplicáveis e desumanas.

A comunidade de Anatevka, constituída na maior parte dos casos por judeus, foi obrigada a evacuar indo os perseguidos procurar abrigo noutros lados, nomeadamente na América.

Pretende então o filme dar a ideia de que os Estados Unidos são um local aberto a todos. Publicidade também é a que se faz do povo israelita, numa época em que ele está tão em voga por causa dos conhecidíssimos conflitos «Israelo-Árabes».

A história em si sentimental e com o intuito de atingir as pessoas fazendo «a lágrima surgir ao canto do olho» tem os defeitos e as virtudes que já aponte, aliada ao tal sentimentalismo que faz vibrar e não raciocinar.

No campo das interpretações, Topol (Tewje o Leiteiro), é excepcional, cantando, dançando, exprimindo situações de alegria e de amargura de maneira genial encabeçando um elenco bastante homogéneo e perfeito, que, unidos com o trabalho técnico de Norman Jewison e do coreógrafo Jerome Robbins, conseguem que a obra no aspecto formal seja aceitável e que aliada à publicidade que se criou à sua volta tenha originado um sucesso comercial (mais um).

São de salientar os bailados orientados por Robbins (o mesmo de «West Side Story») que consegue efeitos visuais de grande beleza, nomeadamente na cena do sonho em que espectros saem das campas, num bailar patético e fascinante, anunciando o casamento duma das filhas de Tewje, com ameaças e profecias, velhos e novos, bailando na noite, o que nos dá um ar de fantástico e de inatingível culminando com o enterrar da cama onde Tewje dormia, numa sepultura. Há quem o considere de «gosto duvidoso», mas eu permito-me afirmar que no campo da música, das tonalidades, do bailado e da caracterização é uma das cenas mais perfeitas e fascinantes do filme. Mas opiniões são opiniões...

Em resumo um filme bom sob o ponto de vista técnico e musical com as deficiências ideológicas que evidenciei.

M. G.

EDITORIAL

ASSIM, NÃO!

(Continuação da página 1)

mas rasgada em condições de não embaraçar a continuidade de todas as ruas ímpares (perpendiculares ao mar), muitas opiniões se apresentavam como partidárias de que a linha devia manter-se onde está, escoradas em várias razões, designadamente na onerosidade do custo da transferência, a tornar quimérico o sonho da sua realização, e na necessidade de atirar com a linha para fora de Espinho, com incomodidade para os seus utentes.

Enquanto uns apregoavam a necessidade de libertar a zona turística do incómodo que a linha representava, outros entendiam que esse incómodo podia ser amenizado com obras de pequeno vulto e com a boa vontade da C.P., transformando-se em vivo cartaz de propaganda da terra.

E, enquanto as opiniões se dividiam, a C.P. limitava-se a registar as divergências, salientando que os Espinhenses não tinham encontrado ainda o denominador comum da solução que desejavam... nada mais fazendo.

As coisas mudaram, porém, completamente.

Bem ou mal — não está agora em causa apreciá-lo — assentou-se, cremos que definitivamente, em manter a linha onde se encontra.

E, indo ao encontro das soluções que sempre defendeu para esta hipótese — e isto por acordo unânime — chegou a altura de Espinho interpelar a C.P., agora dispensada do tal dispêndio que tornaria quase absurda a pretensão da mudança, no sentido de que satisfaça o mínimo de condições indispensáveis à boa e regular passagem dos comboios, harmonizada com os interesses de Espinho e da sua gente.

O tráfego ferroviário, que corta Espinho em duas partes, pode e deve fazer-se reduzindo ao mínimo as perturbações e, ao mesmo tempo, acabando com a série de barracos inestéticos espalhados de norte a sul de Espinho, ao longo da via e dotando Espinho de uma estação decente.

A situação actual, além de não prestigiar a C.P. — e isto é o menos — envergonha-nos como Espinhenses e como portugueses.

Como não distinguimos nada que nos anuncie o propósito de encarar para breve uma solução séria, apesar de vermos que se realizam obras definitivas em matéria de circulação dos comboios, e como Espinho não pode aguardar que outros tantos anos decorram sobre uma situação que aos olhos de todos se apresenta como inadmissível, clamamos: Assim, não!

E voltaremos.

AMADEU MORAIS

O passado e o presente

«O Passado e o Presente», último filme da autoria do realizador Manuel de Oliveira, dividiu a crítica especializada, normalmente unânime na apreciação da produção cinematográfica nacional:

— Classificação de Obra-Prima, por um lado, foram-lhe feitas sérias reservas, por outro lado.

Habitado que estou ao baixo nível das películas portuguesas, constituiu para mim uma agradável surpresa assistir à projecção de «O Passado e o Presente». De facto, o mau gosto e a gratuitidade, tão caros a alguns «realizadores» portugueses, foram totalmente ignorados por Manuel de Oliveira, que nos apresenta uma obra que, dentro das suas limitações, com todos os erros que possa ter, inclui momentos de cinema do mais alto nível que me foi dado ver, mesmo em películas estrangeiras.

Há um aspecto que, desde já, quero salientar: — Quando digo que Manuel de Oliveira nos apresenta cinema de alta qualidade, não quero com isso afirmar que seja simples, ou mesmo cómodo, assistir à projecção do filme. Não. Pelo contrário, parece-me que é preciso um certo esforço para «ver» o filme, vê-lo de olhos bem abertos. Isto é: Se o eventual espectador se colocou na posição de quem foi ver uma historiazinha, com maior ou menor interesse, mais ou me-

nos bem representada, perdeu certamente o que de mais essencial lhe podia dar o filme. (Quer-me até parecer que um espectador que se coloque sistematicamente nessa posição, sistematicamente perde o que de melhor um bom filme lhe pode dar). E foi pena. Foi pena, pois o filme era de uma riqueza fora do vulgar.

Numa linguagem muito curiosa, Manuel de Oliveira faz uma análise bastante profunda do modo de viver da «boa sociedade», com todo o seu artificialismo, os seus equívocos, a sua fragilidade, as suas consequências, tudo isto sem cair em falsos moralismos.

Não posso, nem foi minha intenção esgotar nesta breve nota tudo o que se poderia dizer acerca de «O Passado e o Presente». Longe disso. Gostaria sim, agora que o filme já passou, que, pelo menos aqueles que o viram, comessem a acreditar que vale a pena ver filmes portugueses, que ainda se faz cinema honesto em Portugal. E isto porque «O Passado e o Presente» não é um caso isolado: estão em circulação outros filmes portugueses que, penso eu, interessará, e muito, ver. Deles daremos notícia, logo que possível.

E. M.

NOSSO MAR

Uma história antiga

(Continuação da página 1)

certos da ciência dos antigos, dum saber que quase era uma instituição.

E o nosso amigo, ora de águas turvas e remexidas, ora transparente como um cristal verde, permanecia distante, quase como que alheado da história antiga dos esporões, a modos como a fazer de conta que não era nada com ele!

Finalmente, decidiram aumentar os esporões, e logo com uma alegria recolhida, olhávamos o mar, segredando, espera aí, «velho» matreiro que vais devolver o areal que engoliste...

Os esporões cresceram, mas o mar subiu o areal não veio, e então na praia do centro, foi uma «limpeza»...

Quando olhamos o mar a fazer e a desfazer ondas num alarde de força esmagadora, mesmo em cima

da esplanada, sentimos a vingança irónica como resposta pensada ao prolongamento dos esporões. Coincidência!? Do saber feito da tradição, da história antiga dos esporões, temos de passar a algo de novo, tem de ser feito um estudo sério, evitando desperdícios de tempo e de dinheiro que nos podem ser fatais como terra de turismo.

Estes segredos do nosso mar têm de ser desvendados, para, com o fim do seu mistério, nos defendermos melhor, com esporões maiores ou pequenos, tortos ou direitos, com enormes pedregulhos a estorvar a praia ou sem eles, aplicando-os na defesa frontal. Mas lá estamos nós a cair na história antiga de tantas gerações de técnicos, que gostam de olhar para O mar...

A.G.

A NOSSA PRAIA

Há dias, aproveitando a imobilização da Semana Santa, dei um largo passeio, pela nossa praia.

Comecei pelo norte, junto à «Cabana», onde parei a apreciar o areal, a dizer-nos que Espinho não acaba no Rio Largo, e vim caminhando, a analisar as mutilações que na Avenida 8 foram causadas pelas últimas investidas do mar.

Junto de mim, parou uma camioneta de turistas franceses, todas jovens, talvez colegiais. Rapidamente, o motorista foi posto fora do veículo. E eu dei comigo a olhar disfarçadamente para o que se passava dentro da camioneta, onde, com descontração e graça tipicamente francesas, cada uma das moças ia largando as vestes e enfiando (?) um biquíni, para, depois, sair e se encaminhar para a praia.

Mas começaram aí as dificuldades: não havia acessos, porque entre a rua e a praia se interpunham enormes pedregulhos. Custou-me ver aquelas jovens exuberantes sujeitas ao risco de uma acrobacia perigosa, para poderem gozar umas horas de praia. E comecei a maldizer o atrazo posto pelos serviços competentes no arranjo daquela zona, por todas as razões inerentes à integridade das pequenas e pela má propaganda que tal negligência faz do turismo entre nós.

Caminhei em direcção ao sul e

fiquei desolado pelo atrazo em que se encontram as obras de defesa junto à piscina e à Rua 19.

Fui andando, em direcção à fábrica das Conservas e não resisti a descer à praia e a ficar aí uma meia hora, para assistir à saída da rede. Matei saudades.

Nada mudou. Tudo igual, desde as atitudes, os estiraços ao sol, às discussões, ao palavreado vicentino e ao subtrair do peixe pela garotada.

Tudo igual, não. A antiga fatura de peixe, sucedeu-se a chocante pobreza qualitativa e de quantidade.

Durante o tempo que estive na praia, a minha atenção foi chamada para o sul e para as maravilhosas possibilidades de areal que se me apresentavam.

Meti-me no carro, percorri a Avenida S. João de Deus até ao muro do Golf, virei aí à direita, em direcção ao mar e parei, maravilhado, ao ver a praia magnífica de que Espinho aí dispõe, à espera da ou das iniciativas necessárias.

Aí pensei alto: bairro piscatório com as ruas limpas e as casas caiadas todos os anos; estrada paralela ao mar, pelo lado poente dos terrenos do golf, até às proximidades da carreira de tiro; terrenos libertados de todo o lixo que ali foi parar, e que, aliás, não é muito; e, oh gente, teremos ali uma praia que servirá para sossegados, envergonhados, enamorados e o mais

ACESSOS E RUAS

O meio de deslocação mais usado hoje em dia é o automóvel. Facto incontroverso a tornar-se progressivamente calamitoso, em todas as urbes demograficamente densas. Motivo de permanentes preocupações para resolução das infra-estruturas necessárias a um descongestionamento que se verifica cada vez mais agudo.

Espinho não tem, nem mais ou menos, aceitáveis vias rodoviárias de entrada e saída. Assunto velho e cuja resolução está a merecer, por parte do Ministério das Obras Públicas, especial atenção. Mas tem as que tem. Deficientes sem dúvida mas ainda por cima desamparadas de pequenas mas úteis beneficiações.

Na entrada sul, desde há longos meses que se nota a falta da placa indicativa de que começa Espinho. Se bem que já tenha sido feito eco na grande imprensa da inexistência do referido dístico, quem de direito considerou o apontamento para o cesto dos papéis. Porquê?

Mas para além da existência da placa oficial, reveste-se de especial pertinência a colocação, nas entradas da Vila duns conjuntos apro-

priados com bandeiras e dísticos de boas vindas de diversos países, motivo hoje em dia turisticamente considerado uma distinção para alertar os visitantes estrangeiros que estão numa terra onde merece a pena ficar.

Já dentro da Vila cerca de 70 % dos 60 kms. das ruas com que estamos servidos estão, mais ou menos, em mau estado. Com covas, socalcos, betuminosos descarnados e, em grande percentagem, tampas de saneamento mais altas que o nível do pavimento. Admira este aspecto das tampas, especialmente nas ruas que têm sido melhoradas posteriormente à instalação do saneamento.

A falta de passadeiras para peões nas artérias de maior movimento é também uma lacuna incompreensível, pois a sua marcação a título definitivo implicaria uma educação e uma segurança permanente para peões e automobilistas além de ser vantajoso, economicamente, para o município, que eliminaria uma preocupação constante todos os anos.

J. J.

que queiram, mas que será uma praia excepcionalíssima, porque até rouletes se podem levar para lá.

E, naquela Sexta-feira de Paixão, ao regressar a casa, todo contente, com ar contrário ao signi-

ficado do dia, eu confidenciava aos meus botões, habituados a ouvir-me com frequência: Espinho tem pano para mangas: haja alfaiates que o saibam aproveitar.

XICO

INQUÉRITO

Prosseguindo a ideia do nosso número anterior, voltamos, como o criminoso que retorna ao local do crime, a elaborar um inquérito. As perguntas que escolhemos parecem-nos da maior importância para poder estabelecer-se uma ideia tanto quanto possível aproximada da verdadeira opinião pública. Daí que este inquérito se não vá limitar a uma única publicação mas antes a quantas se tornem recomendáveis para melhor poder espelhar-se o que pensam os espinhenses das mais diversas camadas, sociais, intelectuais ou quaisquer outras.

A primeira série de respostas já obtidas podem dar-nos uma imagem errada dos principais polos de interesse das gentes de Espinho e só o prosseguimento deste inquérito habilitará a uma ideia mais conforme com as realidades. As perguntas feitas são as seguintes:

1.ª — QUAIS AS QUESTÕES PRINCIPAIS PARA O PROGRESSO E DESENVOLVIMENTO DE ESPINHO?

2.ª — DE TODAS, QUAL CONSIDERA MAIS IMPORTANTE E URGENTE?

Fausto Marques Vieira, tipógrafo.

1.ª — a) Regularização e defesa da praia, dada a importância que ela constitui para o turismo da nossa terra;

b) No aspecto urbanístico, a criação das chamadas zonas verdes, dada a pobreza, neste aspecto, da nossa terra;

c) Fomento de actividades culturais;

d) Construção de bairros com moradias de renda económica.

2.ª — Regularização e defesa da praia.

Magno Correia de Castro, empregado de mesa.

1.ª — Na minha maneira de ver, considero que há dois objectivos importantes:

a) A protecção da costa, para defesa da praia e dos que habitam frente a ela, não esquecendo a *Piscina* e o *Hotel*.

b) A criação indispensável de uma passagem com acesso a automóveis à zona da praia.

2.ª — Considero que o mais importante será a defesa da praia, sendo esta de real valor turístico.

Fernanda Soares, professora primária.

1.ª — Considero que para o progresso e desenvolvimento de Espinho (ou de qualquer centro populacional) existem três factores preponderantes:

a) Comércio e indústria — fonte de recursos monetários indispensáveis ao seu crescimento;

b) Atrações turísticas — chamariz a todos quantos passam de viagem rumo a qualquer ponto do país;

c) Rede de comunicações intensa e, por conseguinte, com boas estradas de acesso e ligação às vias principais do país: linhas férreas que sirvam e acompanhem as necessidades locais; aeródromos que proporcionem de um modo mais rápido e eficiente a resolução de interesses de várias ordens, nomeadamente: industriais, comerciais, turísticos ou culturais com economia de tempo.

2.ª — Considero de todos os factores atrás expressos como mais importante um sistema de comunicações que satisfaça o maior número de necessidades para um modo de vida actual e consequentemente novo que tem chegado até nós.

Olinda Sá Oliveira, estudante universitária.

1.ª — Sendo Espinho um centro com grandes possibilidades turísticas, parece-me que seria necessário intensificar essa actividade, criando condições que a justifiquem, como sejam: aumento do parque de campismo, que se tem verificado ser pequeníssimo para os campistas que em grau elevado o procuram; melhoria das suas actuais instalações sanitárias, que são francamente más; serviço de snack melhorado e aumentado; criação de cozinhas, salas de convívio, etc. Sente-se também a falta de centros recreativos e desportivos entregues a directores competentes e acessíveis a todos. Urgente será também a construção da nova estrada, com entradas dignas de Espinho. Considero também essencial para o progresso e desenvolvimento de Espinho criar ideais associativos no meio comercial, muito repartido e consequentemente frágil.

2.ª — Considero como mais urgente a actividade turística e como mais importante o ideal associativo comercial.

Lusitano Gil, comerciante.

1.ª — A de se conseguirem os acessos suficientes, e em condições, para a parte baixa da Vila, de molde a ocasionarem um seu maior desenvolvimento turístico, para se ir ao encontro do plano esboçado pela «Solverde» e que foi, até, patente a altas individualidades, nomeadamente ao Dr. Moreira Baptista, quando a referida Sociedade, após a sua criação, foi a Lisboa apresentar cumprimentos.

Além disso, será imprescindível dar mais ampla extensão aos esporões, para que Espinho conquiste a sua praia e a

possa mostrar em toda a expressão e beleza, dando oportunidade a quem nos procure de gozar das suas finas areias, aproveitando os raios solares e a pureza do iodo, autênticas benesses para a saúde.

2.ª — Precisamente as duas que acabei de citar.

Fernando Vitor Pereira, escriturário.

1.ª — Indubitavelmente que Espinho é uma das terras mais progressivas do País, embora, como é lógico, haja sempre lacunas a preencher, todavia, tanto industrial como comercialmente a nossa terra pede meças a muitas cidades portuguesas. Temos, como soe dizer-se, pano para mangas, mas é necessário que o tão propalado bairrismo aflore à pele de todos os espinhenses e se lancem a ajudar a edilidade a realizar quanto não está ainda feito. Na minha maneira de ver, os acessos à vila, no tocante ao sector rodoviário, continuam a ser uma constante preocupação, quer para quem nos visita vindo do norte, quer do sul.

Dentro da vila, os acessos à praia, com as famigeradas passagens de nível, continuam a ser também obstáculos a causarem prejuízo e aborrecimentos aos turistas e, portanto, serão esses os problemas mais prementes, embora este último esteja, segundo parece, em vias de resolução.

2.ª — Se considerarmos o turismo como uma das mais importantes «indústrias» dos nossos dias, pois as ligações rodoviárias, a norte e a sul, que trazem as pessoas cá, são aquilo que de mais importante urge resolver.

Valter Brandão, empregado de escritório.

1.ª — Quanto a mim são muitas as questões ainda por solucionar e que entram no progresso e desenvolvimento preciso, e desejado, da nossa terra, porém, segundo o meu ponto de vista, colocá-las-ia pela ordem seguinte: — Vias de acesso, tanto a norte como a sul, harmonizantes com o movimento automóvel actual; defesa eficaz da nossa praia, antes que seja conquistada definitivamente pelo mar; rectifi-

A PROPÓSITO DE...

Entre os defeitos que impiedosamente se tornou moda atribuir à juventude contemporânea, apon-ta-se com frequência o uso e abuso do calão por todos os seus mem-bros. De facto aquilo que no meu tempo era linguagem exclusiva dos futuros homens, hoje uni-sexuou-se, tal como as vestimentas, os calçados, os cabelos e correlativos.

Em período de antimarialvismo e também de anti-sufragismo, vo-cábulos como «pá», «chato», «tipo» e quejandos (alguns muito mais ásperos aos ouvido delicado de qualquer indivíduo das gerações predecessoras) são moeda cor-rente. Tal qual como só de frente é que se consegue saber se uma cabeleira grande é de rapaz ou de rapariga, também só pelo tom de voz é que se consegue saber se o calão saiu de uma boca masculina ou feminina.

Isto são sinais do tempo, novos modos, que temos de aceitar e não que acusar porque até talvez seja-mos nós os responsáveis por eles, e, ao fim e ao cabo, não matam ninguém, não lesam ninguém e não ferem senão alguns ouvidos mais púdicos das gerações mais velhas. A juventude actual é muitíssimo mais aberta que a do meu tempo, a camadaragem é muito mais in-tensa, os pontos de interesse muito mais comuns.

Não sou eu quem censure os nossos jovens pelo uso do calão, desde que eles saibam respeitar os limites da decência e não des-cam ao «paleio» ordinário, à pura

obscenidade. E foi mesmo «a pro-pósito de» obscenidade que surgiu a ideia deste articulado.

Os meus tímpanos vibram mui-tas vezes de irritação ao ouvir pa-lavrões que com a maior das sem-cerimónias saiem para o ar per-cutidos em laringes pertencentes a toda a casta de gente. Aqui não há discriminação nem de idades nem de classes sociais. O palavrão é proferido de modo absoluta-mente audível, sem o menor cui-dado de olhar-se para o lado, sem a cautela de verificar com quem se cruza, se há uma criança perto. E se alguém tem a triste ideia de chamar a atenção do palavreiro, corre o risco de ficar com o apa-relho auditivo ainda mais infla-mado e acabar por arrepender-se cem mil vezes da intervenção de que teve a iniciativa.

Eu sei que há legislação que manda reprimir a obscenidade mas, como estamos em tempos de inflação, também sei que é abso-lutamente impossível escalar um agente da autoridade para fiscalizar a higiene linguística de cada um dos cidadãos. Dir-me-ão que sou quixotesco, mas não seria tempo, leitor que acompanhaste todo este arrazoado, de cada um de nós procurar refrear a própria língua e, pelo seu próprio exemplo, fazer ver aos «malcriados» que há um limite no vocabulário corrente, deixando de nos preocupar tanto com o calão juvenil?

C. P. M.

cação das directrizes do plano de urba-nização, pois o actual atrofia Espinho em vários aspectos; mudança da car-reira de tiro, já que a sua localização impede o desenvolvimento duma zona turística das mais maravilhosas e va-liosas.

2.ª — Diria que a dos acessos, pois, como toda a gente sabe, as estradas na nossa terra são simplesmente hor-ríveis, principalmente a que nos liga ao Porto, causando uma série de aborre-cimentos, e perigos, a quem conduz que, certamente, influenciarão muitas vezes no desejo de voltar cá e, não o esqueçamos, nós uma terra de turismo e que precisa dos turistas.

Angelo de Carvalho, protésico den-tário.

1.ª — Quanto a mim, direi que a li-gação da auto-estrada do Porto à nossa terra, que encurtaria tempo e distância entre a capital do norte, segunda cidade do país, e a principal estância de tu-rismo nortenho, sem esquecer ainda a ligação rodoviária para Aveiro, um verdadeiro problema também.

Depois, eu sei lá, tantas são as coi-sas pertinentes! Focar a falta de defesa da nossa praia? É inequívoco e facil-mente visível, mas tanto se tem dito e escrito e nada, perigosamente nada, se tem feito!

E o que seria uma estrada que li-gasse pela marginal a vila de Paramos, com toda a zona devidamente arran-jada e aproveitada sob o aspecto turís-tico? Mas, talvez não valha a pena falar nisso, quando não fica-se doente só de sonhar.

Por último, citar as passagens de ní-vel e os seus problemas, talvez já não interesse, convictos de que em 74 tudo estará resolvido, mas há que pedir aos nossos visitantes mais um verão de sa-crifício, porém convém não deixar de frisar que precisamos duma estação de caminho de ferro digna, só para passa-geiros, com o cais de mercadorias lá para sul e o fumegante «Vouguinha» também.

2.ª — Diria que as ligações rodoviá-rias, quer para norte, como para o sul

Delfim José dos Santos, comerciante

1.ª — Ligações rodoviárias de Espi-nho com o Porto e Aveiro, com estra-das que sirvam condignamente a nossa terra.

2.ª — A ligação da Rua 20 à Granja, com a variante no limite do concelho de Espinho, directa à Praia da Seca, com passagem aérea ou subterrânea para automóveis e peões. Parece-me ser este o principal ponto para um maior desenvolvimento turístico da nossa terra.

José do Couto Soares, comerciante.

1.ª — A mudança da linha para nas-cente, para que Espinho possa crescer. Arranjar bons acessos, porque qualquer um dos que temos estão nas mais pre-cárias condições, constituindo um pe-rigo para os condutores que neles tran-sitam. Também precisamos de um mer-cado diário novo, ou, então, arranjar devidamente o que temos actualmente, dando-lhe pelo menos uma limpeza em forma.

2.ª — Para mim o mais importante é a mudança da linha, para que Espi-nho cresça e se desenvolva ainda mais, o que só pode fazer para nascente, transformando-se o actual leito fer-roviário numa avenida de largas perspec-tivas que daria um ar de grandiosidade ao principal ponto turístico da terra.

Angelo Alberto Moreira Pinto, encar-regado fabril.

1.ª — Estradas. Nem pelo Norte, nem pelo Sul, nem por Leste ou por Oeste tem nada que se aproveite.

Praia. Espinho presentemente não tem praia. Uma das coisas que mais têm beneficiado Espinho é a praia, que está a ser prejudicada pela falta de areal.

A linha de caminhos de ferro. Como está, é prejudicial a Espinho. A sua mudança para nascente só traria van-tagens a Espinho, possibilitando o alar-gamento da terra para nascente.

Outra coisa importante é a Ave-nida 24 dispor de duas faixas de roda-gem, utilíssima sob o ponto de vista de segurança rodoviária.

ESPINHO

ANO 2073

— Previsão à maneira do noticiário —

INAUGURAÇÃO

Manhã cedo, toda a população foi acordada por violento «bom-bardeamento» de foguetes comemorativos da inauguração da Estrada Marginal Espinho-Miramar. Este importante e oportuno melhoramento vem contribuir decisivamente para a rapidez de comunicações rodo-viárias entre a Vila de Espinho e a Cidade de Arcozelo.

INUNDAÇÃO

O mar, que mesmo em tempo calmoso se instala a menos de 10 metros das Estações de Caminho de Ferro de Espinho, fez das suas na noite passada. Com efeito, em vagas alterosas, submergiu, pura e simplesmente as referidas estações, dificultando, obviamente, a cir-culação ferroviária, sobretudo na linha do Vale do Vouga, já que a água atingiu as caldeiras das máquinas a vapor, paralisando-as. Por outro lado, algum benefício foi colhido deste facto, a saber:

1) — Mais tarde, os passageiros do Vale do Vouga tiveram o gosto (inérito!) de entrarem em carruagens que, pelo menos exter-namente, estavam mais ou menos lavadas.

2) — Durante a inundação, os passageiros dos comboios para-lisados, tiveram a oportunidade única de aproveitarem o tempo admi-rando os segredos da vida sub-aquática e, simultaneamente, arran-jando, gratuitamente, alguns saborosos peixes para o seu jantar.

INTERRUPÇÃO DE TRABALHOS

As obras de defesa da Praia de Espinho, operando, como se se sabe, no sítio onde outrora estava instalado o Casino, foram subita-mente interrompidas, por causas ainda não totalmente esclarecidas. Porém, julga-se que tenha sido devido a avaria no guindaste em serviço. Tal avaria é absolutamente incompreensível, na medida em que ele é de construção relativamente recente, tendo já prestado relevantes serviços desde meados do século passado.

EXPOSIÇÃO

Inaugurar-se-á, brevemente, uma exposição retrospectiva sob a designação de «Espinho-1973». Entre as várias peças expostas con-tam-se 1738 sinais de trânsito.

ENSAIOS

Deu-se início aos ensaios do «Grupo das Janeiras da A. A. E.» que, pela 567.ª vez, e sempre com o agrado geral, vai desejar BOAS FESTAS aos seus associados.

INCÊNDIO

A bancada do antigo campo de Futebol do S. C. E., hoje Estádio de Polo Aquático, foi ameaçada por altas labaredas. Desta vez, a falta de água não foi problema.

RECENSEAMENTO

Segundo dados do último recenseamento, e mau grado uma baixa (aliás, reduzida) devida à emigração, a população da futura cidade de Espinho cifra-se, neste ano de 2073, em 15.000 almas.

Sob o ponto de vista urbano, Espinho dispõe de 2 500 habita-ções e 1 375 cafés.

ABERTURA

Abriu, começando nova época, o nosso Casino. Este ano as novidades são muitas: o filme de estreia, no Cinema, é a recente produção portuguesa «Sarilhos de fraldas». Na «Boite» a principal atracção é o castiço «ballet» espanhol de «Paco de Santa Cruz», que é aguardado com muita curiosidade, devido ao seu ineditismo.

HONRA AO MÉRITO

Vai ser prestada homenagem, no decorrer de um almoço, aos nossos heróicos contrerráneos, que aqui viveram por volta de 1973, e que, à custa de «muitas, suor e lágrimas» se conseguiam mover nesta nossa terra, pelo meio duma autêntica «inflação» de «sentidos-proibidos».

Associamo-nos a tal homenagem.

NUNO BARBOSA

2.ª — As estradas são as questões prioritárias.

Manuel Nunes da Silva, industrial.

1.ª e 2.ª — Os problemas de Espinho que considero mais prementes são os dos acessos, quer pelo caminho de ferro quer por estrada. Quanto a comboios era necessário que o trajecto entre Espi-nho e o Porto se fizesse mais rápido, o que se obteria com a ponte sobre o Douro, por várias vezes anunciada e prometida, pois não se compreende que haja comboios que fazem o percurso de Espinho a Gaia em cerca de onze minutos e que de uma forma geral gastem entre Espinho e o Porto 50 a 60 minutos, o que inibe que grande número de empregados que exercem a sua acti-vidade no Porto de vir almoçar a casa por a demora no trajecto o não per-mitir. Daí resulta que muitos têm de mudar a sua residência para o Porto ou arredores. Outra necessidade urgente

é que o edifício da Estação seja trans-ferido para sul-nascente da Rua 19, para comodidade da maioria do público que utiliza o caminho de ferro, bem como a transferência para terrenos da mesma companhia situados a sul dos cais e comboios de mercadoria, de forma a evitar que permaneçam horas largas espalhadas pelas gares as mercadorias, a impedir o movimento de passageiros e o trânsito na passagem de nível da Rua 23. Há também grande conveniê-ncia em que os comboios do Vale do Vouga não passem para norte da Rua 23, para não impedirem o trân-sito na respectiva passagem de nível. Quanto ao acesso por estrada, espe-cialmente do norte, espero que o assun-to tenha solução breve logo que a pro-metida e projectada estrada da Granja a Espinho seja construída no mais curto prazo, o que se espera, atente o grande esforço dispendido junto de quem de direito para obter essa reali-zação pelas ilustres autoridades admi-nistrativas

“SOLVERDE” — Sociedade de Investimentos Turísticos da Costa Verde, S. A. R. L.

RELATÓRIO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Senhores Accionistas:

O Conselho de Administração cumpre, gostosamente, o grato dever de, em conformidade com o preceituado nos Estatutos da Sociedade e na Lei vigente, vir à vossa presença para submeter à apreciação o «Balanço, Relatório e Contas», relativo ao seu primeiro exercício, desenvolvido durante cerca de nove meses que distaram da data da criação da Sociedade, pois, segundo consta do pacto social, foi fundada por escritura notarial em 12 de Abril de 1972, até ao término do ano civil findo, isto é, 31 de Dezembro de 1972.

Ora, a actividade desta Sociedade foi condicionada, na fase citada, a duas operações predominantes, efectivadas com a celeridade que as circunstâncias aconselhavam e, até, determinavam. Assim, procedeu-se à imediata aquisição do imóvel compreendido entre as ruas 4, 6, 17 e 19, nesta Vila, onde existiu a antiga «Pensão Demétrio» e, ainda, funcionam dois conhecidos cafés, com frente para a Rua 19, transacção motivada por razões pertinentes que, mais adiante, se vão especificar.

Também se procedeu à aquisição, em Espanha, de uma praça de touros de estruturas metálicas, depois substancialmente melhorada e valorizada quando da montagem, através de obras complementares de construção civil e outras, que lhe outorgaram outro valor potencial e capacidade funcional, a ponto de se transformar num dos melhores recintos do género existentes no país, merecendo os devidos encômios por parte dos técnicos da especialidade. A sua festiva inauguração — em 23 de Julho de 1972 — presidiu Sua Ex.^a o Senhor Secretário de Estado da Informação e Turismo, Director Geral de Turismo e outros altos funcionários da referida Secretaria de Estado, bem assim como o Director Geral das Alfândegas, Governador Civil do nosso Distrito e muitas outras entidades oficiais, e individualidades de destaque, que testemunharam, e não deixaram de sublinhar, a importância do empreendimento no complexo turístico de Espinho e do Norte do País.

Voltando, entretanto, à aquisição do imóvel onde se situa a antiga «Pensão Demétrio», devemos realçar que, após obtido o parecer favorável do Conselho Fiscal, como determinam os Estatutos, se realizou a operação da compra, por se ter concluído ser de elevado interesse.

Efectivamente, propondo-se a nossa Sociedade candidatar-se à próxima concessão da exploração da «Zona de Jogo de Espinho» e obtido o conhecimento, de fonte certa, da convicção superior de que o imóvel onde funciona, actualmente, o Casino não reúne já as condições consideradas como indispensáveis, ante o desenvolvimento turístico, que se pretende promover e consolidar no Norte do País, desejou este Conselho de Administração acautelar, com a devida oportunidade, o terreno do imóvel em questão, ante a perspectiva da construção do edifício onde será, eventualmente, implantado um novo «Casino de Espinho», que terá de ser considerado de luxo e nele devem funcionar, também, outras actividades de valorização turística da nossa terra, nomeadamente, um auditório musical, uma biblioteca, um salão de conferências e congressos com capacidade para 1000 pessoas, restaurante e outras unidades diversas.

Atenta a situação do imóvel referido, sem esquecermos o desenvolvimento urbanístico frente à esplanada sobranceira à praia, inclusivé a implantação do novo hotel já em funcionamento, é por demais evidente que se trata de uma zona reunindo as melhores condições para o fim desejado, havendo a referir que a obra citada implica, no aproveitamento de conjunto, a agregação do quarteirão onde se situa o actual casino.

Efectuadas, por conseguinte, as duas importantes operações, marcantes da única actividade desta Sociedade, votada inteiramente à valorização de Espinho, pois é esse o seu objectivo primordial, nada mais foi possível, ou aconselhado, realizado no sector de investimentos ou empreendimentos, considerando, sobretudo, que ainda não foi aberto o concurso para adjudicação da próxima concessão de exploração da zona de jogo.

Salientemos que, graças à iniciativa desta Sociedade, se reeditaram em Espinho, e com assinalável êxito, os espectáculos tauromáquicos, embora algumas corridas não tenham atingido o nível pretendido, todavia esse aspecto mereceu a nossa melhor atenção e, naturalmente, fizemos os reparos oportunos, e exigências quanto ao futuro, à Sociedade Campo Pequeno, L.da. de Lisboa, de molde a serem sempre apresentados cartazes e gado que assegurem boas corridas. Estamos certos que a aludida Sociedade, com a qual firmamos um contrato para a exploração da nossa praça de touros, pelo período de 10 anos, assistindo-lhe a obrigatoriedade de realizar, no mínimo, 4 corridas anuais, vai corresponder ainda melhor, pois acolheu com compreensão os nossos reparos e alvitres, devendo, até, iniciar a época de 1973 talvez em Junho e efectuando, pelo menos, 6 espectáculos.

Cabe aqui uma palavra de sentida homenagem ao Director-Gerente da Soc. Campo Pequeno, L.da, o malgrado toureiro Manuel dos Santos, falecido recentemente como se sabe, em consequência de um brutal desastre, pois, para além do mais, estava a colaborar devotadamente com a nossa Sociedade.

Ainda em relação à Praça de Touros, é nosso grato dever referir à digna Assembleia que, para a sua edificação em tempo «record» foi decisiva a colaboração, e compreensão, da Junta da Freguesia de Espinho, cedendo-nos em condições vantajosas os terrenos habituais dos últimos tauródromos espinhenses, como do construtor, sr. Joaquim Ferreira dos Santos, que se encarregou da obra a instâncias do accionista sr. Manuel Violas, erguendo-a num lapso de tempo que se julgava impossível de vencer.

Posto o que se acaba de explanar, diremos que a limitação programada dos investimentos a efectuar resultou, intencionalmente, de uma orientação preconcebida, que haveria de influenciar, de forma decisiva, os resultados do exercício, porquanto esteve presente o propósito que levou os srs. Accionistas a criar esta Sociedade, de acentuado cunho bairrista.

Predominando, na efectividade, a intenção do enriquecimento das estruturas turísticas e económicas da nossa terra, em detrimento do lucro imediato,

limitado pelos próprios estatutos, é evidente que, enquanto não estiver definida a intenção do Governo quanto aos termos, e exigências, que vão predominar no concurso para adjudicação da próxima concessão da Zona do Jogo de Espinho, existirá uma situação de certo impasse a tolher um tanto a actividade da nossa Sociedade, no capítulo da melhor salvaguarda dos interesses dos srs. Accionistas.

De facto, o programa de próximas realizações terá de se integrar, para ser considerado, nas exigências que vierem a condicionar a adjudicação da Zona do Jogo, que se espera sejam de vulto e onerosas, por assim o requerer imperiosamente as carências da nossa terra. A nossa Sociedade, ao concorrer, abrirá novas perspectivas ao futuro turístico e económico de Espinho, e seus arredores, pois, quer se obtenha ou não a concessão, tornará, ao menos, possível que o anacrónico sistema predominantemente e permitido, em alguns casos um verdadeiro desprezo pelos legítimos interesses da nossa terra, com o desvio de lucros para investimentos fora dela, seja devidamente revisto e regulamentado, de molde a que, no porvir, todos os lucros sejam cá aplicados como se impõe.

Lutar-se-á, assim, pela saudável correcção de erros do passado, obrigando implicitamente a evitar-se a repetição, e com isso a nossa Sociedade prestará o seu primeiro grande serviço a Espinho e, a partir daí, surgirá, então, o programa das nossas realizações, que o capital social e os desejos dos srs. Accionistas decidirão, mesmo que se imponha também o recurso a uma mais vultosa subscrição de capital, quer dos actuais, quer de novos accionistas e, até, ao crédito privilegiado, superiormente previsto para investimentos de interesse turístico.

Decerto que os srs. Accionistas compreendem, naturalmente, que os condicionamentos aludidos influíram, de forma decisiva, na orientação que impusemos e nos resultados do exercício, pois pretendeu-se agir com prudência, evitando-se a concretização de planos de realizações que, por antecipados, estariam na contingência de, posteriormente, não poderem ser integrados nas obrigações que vierem a ser impostas no concurso para a concessão da zona do jogo, que, como já afirmamos, se prevê sobrecarregado e amplamente fiscalizado e a nossa Sociedade quer, volta-se a frisar, contribuir de forma decisiva e positiva para o desenvolvimento turístico de Espinho e do Norte do País, tão carecido de estruturas que possibilitem o cosmopolitismo turístico assaz desejado e indispensável.

Não queremos terminar este relatório sem uma breve referência a um ponto que, sabemos, preocupa, como é natural, muitos dos srs. Accionistas, isto é, aquilo que existe realmente quanto às diligências encetadas, ou a encetar, pela nossa Sociedade, no tocante a habilitar-se da melhor maneira para o concurso da Zona do Jogo. Por razões óbvias, não é possível apresentar-lhes qualquer relato esclarecedor sobre esse aspecto, mas, sabido como é que esta Sociedade foi constituída para lutar inequivocamente e conhecendo-se que tal não será viável na dimensão pretendida e justa sem se obter a obtenção da concessão exploratória da Zona de Jogo, para o importante e imprescindível apoio económico, o Conselho de Administração, e alguns dos srs. Accionistas, procederam já às diligências, a diversos níveis, tidas como oportunas, contudo dentro dos condicionamentos e limitações que mesmo as circunstâncias determinam e aconselham.

O Conselho de Administração não deixará, por conseguinte, de na altura adequada, com o apoio do Conselho Fiscal, estudar o problema em toda a sua profundidade, para formalizar robustamente a candidatura da Sociedade, na concorrência com outras que, por certo, também se vão candidatar.

Seguidamente, vamos apresentar à vossa consideração o Balanço e Contas da Sociedade, referentes aos 9 meses de actividade, documentos que foram devidamente apreciados pelo Conselho Fiscal que, sobre os mesmos, emitiu o devido parecer.

Da análise sucinta do Balanço, constata-se um resultado negativo de Esc. 11 608\$30, após se terem efectuado amortizações num total de Esc. 141 150\$60, resultado que se nos afigura perfeitamente aceitável, pois deriva não só da fase de arranque da Sociedade como, mais ainda, dos condicionamentos que já se explanaram.

Da análise económica, ressalta o facto de, a contrapor a um passivo exigível de Esc. 1 012 568\$60, haver um activo disponível e realizável de Esc. 6 233 703\$60, o que denota bem do desfogo económico da Sociedade, aliás bem evidente pela não aplicação total do capital social, aplicação essa que aguarda os resultados do concurso da concessão de exploração da Zona do Jogo, em conformidade com o que se elucidou neste Relatório.

Depois destas ligeiras considerações, propomos que o resultado negativo do exercício transite para o exercício seguinte.

Resta-nos, pois, agradecer a V. Ex.^a, srs. Accionistas, a confiança em nós depositada e, muito especialmente, ao digníssimo Conselho Fiscal pela boa e leal colaboração que, sempre, nos dispensou.

Espinho, 28 de Fevereiro de 1973

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Dr. Augusto Lebeque Alves da Silva

Francisco João Gomes de Castro

José Luís Rodrigues Augusto

notícias

COMARCA DE ESPINHO

Pelo Decreto-Lei n.º 202/73, publicado em 4 do corrente, foi criada a comarca de Espinho.

A nova comarca, de 3.ª classe, fica integrada no Distrito Judicial do Porto — Relação do Porto — e no círculo Judicial da Feira, constituído pelas comarcas da Feira (1.ª), Ovar (2.ª), Vila Nova de Gaia (2.ª) e Espinho.

O Juíz da comarca de Espinho intervirá nos Tribunais Colectivos de Ovar e de Vila Nova de Gaia.

E nos julgamentos da competência do Tribunal Colectivo que tiverem lugar em Espinho intervirão, além do Corregedor-Presidente, o Juíz de Vila Nova de Gaia e o de Espinho.

Em Portaria do Ministro da Justiça serão fixadas em breve as condições de que depende o alargamento à comarca de Espinho da competência da Polícia Judiciária nos crimes de que não sejam conhecidos os Agentes e a que corresponda a forma de processo de querela ou de coreccional, a organização de processos de segurança e o exercício da prevenção criminal.

Também em Portaria a publicar pelo Ministro da Justiça será determinada a extensão da competência do Tribunal de Família do Porto à comarca de Espinho, que, em princípio e sob essa reserva, lhe ficou submetida.

Enquanto o Ministério da Justiça, através dos serviços competentes, não construir casas de renda limitada para residência dos magistrados, o município é obrigado a fornecer casas mobiladas para habitação dos magistrados judiciais da comarca e a prover à sua conservação, mediante o pagamento da respectiva renda, que não deve exceder um décimo dos vencimentos orçamentais dos mesmos magistrados.

Os Tribunais criados pelo citado diploma só começarão a funcionar na data que for fixada em despacho do Ministro da Justiça, depois de o Conselho Superior Judiciário verificar a suficiência das suas instalações e das casas para residência dos magistrados e de nomeados os respectivos Juízes.

DO HOSPITAL

Deu à luz uma menina a Exma. Sr.ª D. Maria Dulce Ferreira da Costa, casada com Jorge Emanuel Silva Amaral Cruz e filha de José Rodrigues da Costa e de Palmira Ferreira de Sá.

★

Foi internado para se submeter a intervenção cirúrgica o Sr. Jorge Dias Salvador.

★

Foi hospitalizado o Sr. Dr. António Ferreira Pinto, — sogro do Sr. Dr. Joaquim Pinto Moreira da Costa.

★

Neste período foram internadas hospitalmente 41 pessoas.

★

Ocorreram 13 nascimentos.

★

No serviço de urgência, foram atendidos 136 homens e 116 mulheres.

35.º Aniversário da Associação Académica de Espinho

Para assinalar a passagem do 35.º Aniversário da sua fundação, a Associação Académica de Espinho elaborou para amanhã, domingo 13, um programa de realizações que é o seguinte:

NO CAMPO DA CORFI

10 HORAS — Jogo de hóquei em campo entre veteranos e actuais, com homenagem aos atletas com mais de 20 anos de (e em) actividade.

12 HORAS — Missa na Igreja Matriz, seguida de romagem ao cemitério para colocação de uma lápide na campa de Francisco Caldeira.

NO PAVILHÃO ARQ.º JERÓNIMO REIS

15,30 HORAS — Baptismo da nova carrinha do clube.

16 HORAS — Desfile de atletas de todas as modalidades, com alocação alusiva ao acto.

16,30 HORAS — Sarau de Ginástica.
17,30 HORAS — Jogo de hóquei em patins, entre 2 equipas da escola de jogadores, em disputa do «Troféu Francisco Caldeira».

18 HORAS — Jogo de hóquei em patins entre veteranos e actuais, em disputa do «Troféu Dr. Virgínio Pereira».

Câmara Municipal de Espinho

Nos termos do § 1.º do artigo 28.º, e para os efeitos do disposto no artigo 30.º do Código Administrativo, é convocada uma sessão extraordinária do Conselho Municipal para o dia 15 do corrente, pelas 15 horas que terá lugar na Sala das Reuniões desta Câmara Municipal e se destina à aprovação das seguintes deliberações municipais:

- Criação do lugar de 3.º oficial da Secretaria;
- Alteração à Postura Municipal de Trânsito em vigor;
- Novo horário de abertura e encerramento dos estabelecimentos comerciais no concelho.

Espinho e Paços do Concelho, 9 de Maio de 1973.

O Presidente da Câmara,

Dr. Manuel Ferreira Baião Nunes dos Santos

EXPLICAÇÕES

Ensino Liceal ou Técnico
(Disciplina de Ciências)
Telefone 920 258

CASA DE SAÚDE DE ESPINHO

Reabriu para internamento em Cirurgia, Partos e Medicina, estando ao dispor de todos os Clínicos

Pinto de Matos

Médico Especialista, ex-Assistente dos Serviços de Ortopedia das Universidades de Lausane e Edimburgo

Fracturas e Doenças dos ossos e Articulações.
Ausente temporariamente em Inglaterra

Rua 19 n.º 364-1.º - Tel. 921218
ESPINHO

VENDE-SE

Duas balanças e dois carros de mão.

Falar na Rua 62 n.º 244

Espinho

AOS LEITORES

No intuito de fazer chegar o nosso jornal às mãos de maior número de espinhenses, ao mesmo tempo aumentando o volume de assinantes, remetemos a grande quantidade de pessoas a nossa última publicação. A ela ia apenas uma circular em que anunciávamos o propósito de continuarmos a enviar o semanário a essas mesmas pessoas, as quais passaríamos a considerar novos assinantes e consequentemente emitindo o respectivo recibo à cobrança, desde que não procedessem à devolução das edições por nós remetidas.

Verificou-se, porém, que a lista que elaboramos continha grande número de erros e deficiências de vária ordem, c que nos levou a alterar o que programáramos, estando em estudo nova forma de prospecção de novas assinaturas que oportunamente tornaremos pública.

Deste modo, agradecemos a quantos porventura tenham interesse em passar a receber regularmente o jornal o favor de no-lo participarem por escrito ou pessoalmente na nossa Redacção.

DO LICEU

Prémio Nacional

Ao aluno do 7.º ano do Liceu Nacional de Espinho, no ano lectivo findo de 1971-72, António José Mourão Lacerda, acaba de ser concedido o prémio nacional de 5 000\$00 pelo Ministério da Educação Nacional por ter concluído o 7.º ano com a classificação final de 18 valores.

Ao distinto académico e a seu pai, o nosso colaborador sr. Virgílio Lacerda, as nossas felicitações por tão meritória distinção.

Congratulando-nos por este prémio que enobrece mais um jovem espinhense endereçando também os nossos parabéns ao Liceu Nacional de Espinho pela oportunidade de ver um dos seus alunos assim distinguido.

Actividades desportivas

Nas diversas competições desportivas realizadas entre alunos do ensino secundário as equipas desportivas do Liceu Nacional de Espinho têm obtido honrosas classificações.

Assim, a equipa de juvenis, de andebol, ganhou o Campeonato Distrital e, durante os Campeonatos Nacionais realizados na Figueira da Foz, obteve o título de Vice-Campeão Nacional.

Também, na Prova de Prevenção Rodoviária, foi apurado Campeão Distrital o aluno do 2.º ano, Arlindo Nelson de Almeida Tavares, que nos Campeonatos Nacionais efectuados em Aveiro, nos últimos dias 6 e 7, obteve posição muito meritória.

CARPINTEIROS

Admitem-se.

Falar na Polipoli - zona Industrial
SILVALDE

1.º ANDAR MODERNO

Pretende-se alugar perto do parque.

Carta à Redacção ao n.º 5

desporto

ORIENTAÇÃO DE
ROLANDO DE SOUSA

FUTEBOL

Campeonato Nacional da II Divisão

ESPINHO, 1 — BRAGA, 0

Jogo aguardado com enorme expectativa e que fez acorrer ao Campo da Avenida grande assistência, sendo de notar a numerosa falange de apoio por parte da equipa bracarense. Por um lado o Braga desejoso de conservar o segundo lugar na tabela classificativa por outro o Espinho que não tinha ainda afastada a hipótese de cair nos jogos de passagem.

Durante toda a primeira parte o Espinho comandou quase sempre as operações sem contudo criar grandes dificuldades à defensiva bracarense. Uma ou duas oportunidades desperdiçadas na primeira parte foram o produto desse ligeiro ascendente por parte do Espinho, enquanto que o Braga só em esporádicos contra-ataques chegou à baliza espinhense nunca dando a sensação de poder inaugurar o marcador. De facto o Braga não parecia muito interessado em modificar o resultado e a prova está a lentidão com que repunha a bola em jogo.

Na segunda parte passou-se exactamente o contrário. O Braga apareceu com outra disposição. Mais afoito na procura do golo criou lances de muito perigo para a baliza local valendo ao Espinho, na circunstância, a excelente exibição do seu guarda-redes que com um punhado de boas defesas manteve incólume a sua baliza. Foi nesta altura, e contra a corrente de jogo, que o Espinho fez o seu golo por Júlio que dominando a bola dentro da grande área a chutou rasteira e sesgada para o canto mais longe do guarda-redes sem hipótese de defesa. Desfeita a igualdade o Braga veio ainda mais para a frente e os lances aflitivos junto da baliza do Espinho foram aparecendo cada vez

com mais frequência. Pareceu-nos que era a altura de entrar Artur Jorge na equipa do Espinho. Um mestre na retenção de jogo que poderia esfriar o ímpeto atacante do adversário.

Na equipa do Espinho jogaram dois jovens que substituíram dois titulares castigados. Não os fizeram esquecer. Porém, ambos têm atenuantes. Pereira (que jogou bem, pelo menos não com-prometeu) cabia-lhe a responsabilidade de render o melhor jogador no sector. Gonçalves, menos certo, por vezes um pouco precipitado, teve o azar do Braga ter realizado a maior parte do seu jogo ofensivo pelo seu lado. No entanto, ambos nos pareceram credores de outras oportunidades.

Arbitragem sem grandes problemas nem grandes falhas.

O Espinho alinhou com: Luz; Gonçalves II, Simplício, Pereira e Gomes; Calix. João Carlos e Meireles; Teixeira (Augusto) Louro e Júlio.

CLASSIFICAÇÃO

	J.	P.
ACADÉMICA	28	45
Varzim	28	34
Braga	28	32
Fafe	28	32
Gil Vicente	28	29
ESPINHO	28	28
Oliveirense	28	28
Vilanovense	28	28
Sanjoanense	28	27
Riopele	28	27
Salgueiros	28	25
Famalicão	28	24
Covilhã	28	24
Penafiel	28	23
Tirsense	28	22
Lamas	28	20

Campeonato Distrital da I Divisão

Paivense, 1 — Corfi, 3

Excelente vitória da Corfi no terreno do adversário. Golo marcado por parte da Corfi: Juca (2) e Barrigana.

A Corfi fez alinhar: Jaime; Rui, Serafim, Barrigana e Outeiro; Fernando e Juca; Seninho, José Dias, Correia e Luciano.

VOLEIBOL

Campeonato Nacional da I Divisão

Espinho, 3 — Nacional de Ginástica, 1
(15-13, 12-15, 15-11, 15-4)

Espinho, 3 — Técnico, 0
(15-9, 17-15, 15-11)

Jogos realizados no Pavilhão do Espinho, presenciados por razoável assistência, sendo a grande maioria pertencente à camada jovem o que nos leva a pensar que a modalidade continua a ter aquele interesse que, em tempos não muito remotos, levou Espinho a ser considerada a «capital do voleibol».

As duas equipas lisboetas não foram nunca presa fácil do Espinho. Os resultados dos «setes» atestam-no claramente. Mais o Nacional de Ginástica do que o Técnico. Ambas as equipas são muito «certas», raras vezes oferecendo pontos ao adversário. O Espinho teve sempre que se aplicar, o que serviu para valorizar a sua vitória e proporcionar dois bons espectáculos. Melhor contra o Técnico do que contra o Nacional de Ginástica.

O Espinho alinhou: José Salvador,

P. Correia, L. Correia, Rolando, Tomás, Toni, Rui, Luís Resende e António Salvador.

CAMPEONATO NACIONAL DA II DIVISÃO Feminino

Espinho, 3 — Leonesa, 0

(15-0, 15-6, 15-3)

Esmoriz, 3 — Espinho, 1

(13-15, 15-11, 15-4, 15-0)

Apesar da derrota frente ao Esmoriz o Sp. de Espinho mantém intactas as suas aspirações ao 2.º lugar que lhe dá direito a disputar a fase seguinte.

CAMPEONATO NACIONAL DA III DIVISÃO

Académica de Espinho, 3 — Oliveirense, 0
Vilar de Andorinho, 1 — Acad. Espinho, 3

Torneio Encerramento (Juniões)

Acad. Espinho, 3 — Oliveirense, 0

O Espectáculo Desportivo

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O espectáculo desportivo tem hoje uma força que ninguém pode ignorar, mesmo para aqueles que nunca se sentaram nas bancadas de um estádio.

Atendendo a este factor atrevemo-nos a tecer algumas considerações, baseando-nos, naturalmente, no estudo de alguns observadores do fenómeno desportivo.

Assim, numa perspectiva social, será aceitável o espectáculo desportivo? Entendemos que sim; mas para isso é necessário que os artistas profissionais que nele actuam cumpram as normas de gente civilizada, que se respeitem mutuamente e ao assistente que pagou o seu bilhete para ver o espectáculo. É necessário também que as entidades patronais se bastem financeiramente com as suas receitas. O Desporto-espectáculo pode ter também uma função social quando ocupa os tempos livres de profissionais de outras actividades, tomando assim uma forma de espectáculo como o teatro ou o cinema.

Todavia nós sabemos que as coisas não se passam assim. Os artistas destes espectáculos (caso concreto do futebolista) não tem ainda uma legislação que verdadeiramente os defenda nem garantias sindicais suficientemente for-

tes. O Desportista pode ser transaccionado como simples mercadoria de acordo com os regulamentos vigentes. Mesmo as elevadas verbas que alguns recebem não se compararam com as de outros profissionais do espectáculo (cantores, actores de cinema) que têm normalmente uma vida artística muito mais longa e com menor desgaste físico e psíquico. A grande maioria dos assistentes está imbuído numa paixão clubista que os inibe de apreciar a arte e a beleza do jogo. Para estes o estádio serve-lhes muitas vezes de tampão para o distrair das suas inibições e amarguras. O seu clube tem de vencer mesmo que seja necessário passar as regras da ética e da moral. Os clubes, por sua vez, não se bastam financeiramente e é necessário muitas vezes que o homem rico da terra «compre» o jogador y e contrate o treinador x; até que este se cansa de puxar os cordões à bolsa e então acontece o descalabro financeiro com os clubes a apresentarem déficit de de gerência clamorosos.

Sabemos, porém, que o espectáculo desportivo como qualquer outra actividade só mudará quando mudar tudo o resto que o determina e envolve.

HOQUEI EM PATINS

Campeonato Regional de Juvenis

A.A.E., 3 — Boavista, 2

Pavilhão Arq.º Jerónimo Reis.

A. A. E. — Fidalgo; Hernâni, Campos (1), Pinto (2), Cruz e Pedro.

BOAVISTA — Laurentino; Santos, Carlos, Ernesto (2) e Laurenti.

1.º tempo: 1-2.

Não foi fácil a vitória da Académica, como aliás se pode verificar pelo resultado. Durante todo o 1.º tempo o grupo academista lutou sempre com sérias dificuldades perante um Boavista muito remetido na sua defesa mas muito perigoso nos seus contra-ataques, obrigando Fidalgo a dar o melhor da sua atenção.

No 2.º tempo alguma coisa modificou. Trocando rapidamente a bola e enleando o seu adversário, o grupo espinhense conseguiu o empate. O golo da vitória foi conseguido no último segundo da partida.

Cremos que o empate era prémio merecido da equipa axadrezada, que em nada foi inferior ao grupo espinhense.

F. C. PORTO, 10 — A.A.E., 3

Pavilhão do B.P.M.

F. C. PORTO — Lobo; Dias (3), David (1), Maia (3), Rui (3), Costa, Morais e Valter.

A. A. E. — Fidalgo; Hernâni, Campos, Pinto (1), Cruz (2) e Pedro.

1.º tempo: 2-2.

Resultado pesado para a Académica, que nunca se encontrou neste primeiro contacto com a equipa portista, recheada de bons elementos. No fim do 1.º tempo nada fazia prever que o resultado tomaria tais números já que os academistas haviam jogado inicialmente com muita inteligência. Ainda conseguiu a A.A.E. o 3-2 a seu favor, mas a partir do momento em que consentiu o empate tudo se modificou. Veio ao de cima uma maior maturidade e preparação física por parte dos portistas, contra o que o seu antagonista nada pôde fazer. Vitória justíssima do F. C. Porto, embora os espinhenses não merecessem tão pesado castigo.

Continua na página 8

DEFESA DE
ESPINHO

SEMANÁRIO

AVENÇADO

À
Câmara Municipal de Espinho

ESPINHO